

Um segredo público: o viver assistido, cuidadores, globalização*

Kathleen Woodward**

Resumo

Idosos fragilizados e seus cuidadores são praticamente invisíveis nos circuitos representacionais (filmes, romances, fotografia, televisão, internet, jornais), sendo os idosos habitualmente desconsiderados como não cidadãos, e seus cuidadores geralmente não cidadãos dos Estados-nação em que trabalham. Como dar visibilidade ao que é um escandaloso segredo público da vida cotidiana, pois o cuidado dos idosos se torna cada vez mais uma questão de mercado global em nossas economias neoliberais? Este ensaio explora a representação de cuidadores e idosos, juntos, em fotografias, memórias, notícias e filmes documentais, sugerindo que uma das formas mais eficazes de reivindicar mudanças em políticas públicas é promover a compreensão das pessoas por meio de histórias e imagens. Neste estudo eu levo em conta histórias do viver assistido envolvendo idosos, que são brancos, e cuidadores remunerados, não brancos, gênero feminino e parte das cadeias globais de cuidado; essas histórias incluem o artigo do escritor estadunidense Ted Conover, *Os últimos melhores amigos que o dinheiro pode comprar*¹ (1997), publicado no *New York Times Magazine*, e o documentário “*Bonecas de Papel*”² (2006). De importância fundamental é o sentimento de parentesco que emerge conforme novas formas de família tomam forma.

Palavras-chave: Cuidadores, Idosos Fragilizados, Gênero, Raça, Cadeias Globais de Cuidado, Representação, Memórias, Documentário, Reivindicação.

* WOODWARD, Kathleen. A public secret: assisted living, caregivers, globalization. *International Journal of Ageing and Later Life*, 2012 7(2), pp.17-51. Tradução: Daniela Ferreira Araújo Silva. O comitê editorial dos cadernos pagu agradece à autora a autorização para publicar este texto.

** Simpson Center for the Humanities and Department of English, University of Washington, Seattle, USA. kw1@uw.edu

¹ No original em inglês, “The Last Best Friends Money Can Buy”.

² No original em inglês, “Paper Dolls”.

A Public Secret: Assisted Living, Caregivers, Globalization

Abstract

Frail elderly and their caregivers are virtually invisible in representational circuits (film, the novel, photography, television, the web, newspapers), with the elderly habitually dismissed as non-citizens and their caregivers often literally not citizens of the nation-states in which they work. How can we bring what is a scandalous public secret of everyday life into visibility as care of the elderly increasingly becomes a matter of the global market in our neoliberal economies? This essay explores the representation of caregivers and elders, together, in photographs, the memoir, news and feature stories, and documentary film, suggesting that one of the most effective modes of advocating for changes in public policy is engaging people's understanding through stories and images. In this study, I consider stories of assisted living, which involve elders, who are white, and paid caregivers, who are people of color, gendered female, and part of global care chains; these stories include American writer Ted Conover's New York Times Magazine feature story "The Last Best Friends Money Can Buy" (1997) and Israeli Tomer Heymann's documentary film "Paper Dolls" (2006). Of key importance is a feeling of kinship as new forms of the family take shape.

Key Words: Caregivers, Frail Elderly, Gender, Race, Global Care Chains, Representation, Memoir, Documentary, Advocacy.

I

Considere três fotografias. Em primeiro lugar, uma fotografia em preto e branco de uma mulher idosa sentada sozinha, a cabeça baixa, o corpo cercado por um andador. Será que ela foi fazer compras? Não parece ser o caso. Ela está esperando por um ônibus? Parece improvável. Ela está apenas esperando, sem nada para ocupá-la e nenhuma expectativa de que alguém virá para buscá-la? Isso parece ressoar com o clima sombrio transmitido por esse ambiente cinza de concreto e tijolo em desintegração, uma imponente lata de lixo à esquerda, sem vestígios de vida à vista, nem mesmo uma árvore beckettiana, nada mais do que a frágil velha senhora à direita, que parece ser, ela mesma, desprovida de vida.

O psicanalista D.W. Winnicott observou astutamente que não existe essa coisa chamada bebê, no sentido de que uma criança não pode sobreviver a não ser em relação à sua mãe; juntas, elas formam um par inseparável,



uma dependente da outra, cada uma completamente absorta pela outra. Como esta desalentadora fotografia atesta, não existe tal coisa como uma pessoa idosa solitária que precisa de cuidados, solicitude, e conexão com um mundo íntimo vital. Para essa

mulher, não há nenhuma casa à vista para fornecer um abrigo seguro para o cuidado. Ela não parece pertencer a lugar algum.

Não atrás de portas fechadas onde seria de se esperar a encontrássemos, ela está fora, apesar de não haver outros olhos para vê-la a não ser os nossos, como espectadores da fotografia. A fotografia revela, assim, o que a artista de mídia e ativista Sharon Daniel (2007) chama de um segredo público: “Há segredos que são mantidos à parte do público, e há ‘segredos públicos’, que o público escolhe para manter seguros de si mesmo”, explica ela. “O segredo público é uma contradição interna irresolúvel entre dentro e fora, poder e conhecimento.” A negação do isolamento escandaloso de pessoas idosas nas nossas sociedades é um segredo público, um que o público opta por esconder de si mesmo. Como esta fotografia sugere, idosos, particularmente aqueles que são frágeis, são habitualmente imaginados como não cidadãos, como corporificações da vida nua.³

Em seguida, considere a fotografia em preto e branco “Mãos Maduras e Jovens” de Lars Klove. Dar as mãos é um gesto emblemático de conforto e cura, e o clima desta fotografia é de calma, sugerindo um mundo em que as pessoas que precisam de afeto, assim como todos nós, o recebam, e em que a intimidade é eloquente em sua ausência de palavras. Eu vejo duas mulheres em repouso, sentadas juntas em um sofá, em um espaço interno.

Será que a diferença racial ou étnica aparece no mundo ostensivamente pequeno dessas duas mulheres? É difícil dizer, mas parece que não. As duas poderiam facilmente ser mãe e filha – e de fato, para mim, as suas mãos se assemelham. A mulher mais jovem pode ser uma cuidadora remunerada. O pouco que podemos discernir sobre essas mulheres e seu ambiente parece implicar que, fundamentalmente, não há tanta diferença entre elas. Mas essa interpretação obscurece a relação muito importante

³ Eu encontrei esta fotografia, em 2011, na página inicial do “Ecúmeno: Cidadania após o Orientalismo”, um projeto de pesquisa na Universidade Aberta explorando como o conceito de cidadania está sendo repensado em face da mudança política em larga escala ao redor do globo, nomeadamente através das fronteiras dos Estados-nação.

entre o poder e o conhecimento que Sharon Daniel identifica como constitutiva de um segredo público.



Lars Klove, "Mature and Young Hands," Getty Images

Se a fotografia da velha mulher sozinha em um banco atesta a necessidade de integrar as pessoas na velhice como cidadãos de pleno direito em uma sociedade baseada em gerações mutuamente interdependentes, essa fotografia sugere que a solução é simples – o calor do cuidado. Mas a situação dos idosos frágeis nas comunidades e nos Estados-nação não é nada simples, e não há uma solução simples para propor como resposta. Além disso, seus cuidadores, muitos dos quais têm atravessado as fronteiras nacionais, a fim de encontrar trabalho, são, em muitos casos, literalmente, não cidadãos dos Estados-nação onde oferecem cuidados, e não se pode falar em um contrato social digno desse nome.

Em 2008, em uma conferência sobre mulheres, envelhecimento e mídia, da Universidade de Gloucestershire, dei uma palestra sobre o viver assistido,, concentrando-me em narrativas estadunidenses (ficção e documentário) sobre as mulheres da quarta idade e invocando o trabalho influente sobre

dependência e cuidados, da filósofa feminista Eva Kittay (1999).⁴ Kittay argumenta que a dependência corporal – corporificada na infância, velhice frágil, deficiência grave e doença – é uma condição elementar de nossa vida; ela insiste que, como uma relação fundamental entre as pessoas, a dependência deve ser a base para teorizar e moldar nossas instituições sociais, e não o indivíduo autônomo em que a teoria liberal do estado se sustenta. Kittay chama a atenção para a terrível falta de justiça social no sistema de saúde estadunidense, com muitas famílias, bem como indivíduos, em situação de vulnerabilidade extrema. Consciente do trabalho fisicamente desgastante e psicologicamente doloroso de cuidar dos que estão seriamente doentes, ela destaca o fato de que esse trabalho – que ela chama de trabalho de dependência – é em grande parte invisível para nós e vergonhosamente não reconhecido pela nossa sociedade.⁵

Eu concordo com o argumento básico de Kittay. Mas, em retrospecto, percebo que ao me concentrar, em Gloucestershire, em mulheres idosas frágeis que precisam de cuidados, não dei atenção para o provedor de cuidado, repetindo assim o erro de se concentrar sobre o idoso fragilizado e ignorando a experiência do cuidador. Essa omissão flagrante é encapsulada em uma história

⁴ Para uma comunicação complementar a “Public Secrets” naquela conferência, ver Woodward (2012). Referindo-se ao trabalho de cuidar dos outros, Kittay (1999:31) insiste, “O trabalho, quando bem feito, é apropriadamente caracterizado pelos ‘três Cs’ de Jane Martin: cuidado, solicitude, e conexão [em inglês, solicitude é “concern”]. É o trabalho de atender outras pessoas em seu estado de vulnerabilidade – cuidado. O trabalho que sustenta laços íntimos entre si ou cria intimidade e confiança – conexão. E os laços afetivos – solicitude – geralmente sustentam a conexão, mesmo quando o trabalho envolve uma troca econômica. Para o trabalhador da dependência, o bem-estar e a bem-aventurança daquele de quem cuida é o foco principal do trabalho”. Ver Whitney (2011) que, reagindo a Kittay, argumenta que, a fim de reforçar a ideia de dependência como fundamento da pessoa, devemos separá-la da dicotomia vulnerabilidade e poder.

⁵ A literatura acadêmica sobre o cuidado cresceu enormemente nos últimos anos em todas as disciplinas. Três estudos que considero especialmente úteis na geografia e antropologia são England (2010), Lawson (2007); Mol *et al.* (2010).

do *New York Times* de 2008 sobre o uso de métodos de Montessori com aqueles que têm a doença de Alzheimer (Leland). A imagem principal – que é a minha terceira fotografia - expõe um segredo público não abordado na própria história, envolvendo raça, gênero e classe, bem como a idade:

Coming Full Circle



Angela Jimenez for The New York Times
 SPRING/WINTER Montessori has been adapted at assisted-living facilities like Hearstone at the Esplanade in Manhattan, where Mytris Lief, above, is a resident.

By JOHN LELAND
 Published: October 30, 2008

IN a colorfully decorated room on the Upper West Side of Manhattan, a half-dozen bright minds were engaged in a Montessori exercise called category-sorting. The categories were "dessert" and "non-dessert." Pheona Yav, who led the exercise, held up yellow cards with words on them.

Uma atraente mulher branca idosa está sorrindo para sua própria imagem no espelho, voltado para nós como espectadores. Ela está sendo ajudada por uma mulher negra que aparece no fundo, o rosto virado para longe do olho da câmera. A relação estrutural desigual entre mulheres brancas e mulheres de cor, em termos de atendimento aos idosos, é um segredo público. Sujeito aos preconceitos de idade e sexismo, que se reforçam mutuamente, e sofrendo de doenças crônicas, as mulheres idosas frágeis são praticamente irrepresentáveis em meios visuais tradicionais nos quais prospera a narrativa dramática – para não dizer melodramática. O que atrai a atenção do público em termos de nossos futuros biológicos não são as condições crônicas,

geralmente consideradas banais por aqueles que não sofrem delas, mas o espectro de epidemias de doenças infecciosas e as narrativas de corpos mutantes.⁶ Se as mulheres idosas frágeis são invisíveis, é ainda mais improvável que encontremos cuidadores de idosos representados, especialmente levando em conta os diferenciais de raça, como nessa fotografia.

Consideradas individualmente e em conjunto, essas três fotografias servem para introduzir o impulso que anima meu ensaio sobre o viver assistido de idosos frágeis, bem como a abordagem que eu adoto. Como a primeira fotografia sugere, o idoso frágil, muitas vezes tragicamente isolado, que necessita de cuidados deve ser uma questão de interesse público, não é um segredo público. Como a segunda fotografia implica, precisamos considerar o cuidado em termos de conforto e intimidade, e não apenas em termos dos chamados assuntos práticos. E como a terceira fotografia íntima, precisamos alargar o escopo da imagem, para além de um close-up de mãos, para incluir o contexto social da relação entre as pessoas que necessitam de cuidados e aqueles que o oferecem; tantas coisas importam, nesse caso, especialmente raça. Como podemos trazer o que é um escandaloso segredo público da vida cotidiana à visibilidade, na medida em que o cuidado dos idosos é cada vez mais uma questão de mercado global nas nossas economias neoliberais? Este ensaio explora a representação de cuidadores e idosos juntos, não separadamente, sugerindo que uma das maneiras mais eficazes na criação de comunidades morais e na defesa de mudanças na política pública é contar histórias que desenhem para nos o mundo afetivo de outras pessoas. Meu foco é em primeiro lugar sobre os cuidadores.

Histórias constituem equipamento essencial para viver. Onde podemos encontrar histórias de quem cuida do idoso? Histórias estão sendo contadas nos Estados Unidos por feministas de meia-idade que prestam cuidados – ou, muitas vezes, mais

⁶ Ver Cohen 2011; Wald 2008.

precisamente, coordenam os cuidados – de seus pais idosos.⁷ Histórias são contadas por mulheres cujos maridos mais velhos sofreram de doenças debilitantes – uma queda devastadora, acidente vascular cerebral, câncer.⁸ Nesses casos, o cuidado é garantido por uma obrigação tipicamente atribuída àquelas que ocupam certo status – filhas e esposas – e assim desaparece no ritmo “natural” e na organização da vida social.

Minha preocupação, no entanto, não é com as esposas e filhas, mas com o cuidador pago de idosos frágeis, uma figura ainda menos visível em circuitos de representação do que o próprio idoso frágil. Mais especificamente, estou interessada em cuidadores de idosos que formam cadeias globais de cuidados, um fenômeno nascido do cruzamento do envelhecimento da população e da globalização. Como textos culturais dão voz à experiência desses cuidadores? Como as relações entre cuidadores e idosos são retratadas? Que estratégias de contar histórias nos atraem para os mundos dos cuidadores e dos anciãos?

No que se segue, volto-me para quatro histórias do viver assistido. Elas apareceram entre 1997 e 2009 e representam quatro gêneros distintos. As três primeiras – um livro de memórias, uma notícia que assume importância política nacional nos Estados Unidos, e uma matéria jornalística longa – foram publicados nos Estados Unidos. O quarto é um documentário feito em Israel que tem um alcance global. Todas envolvem cuidadores não brancos e tidos como mulheres, e idosos brancos. Em todas elas, o cuidado é parte da economia de mercado – é cuidado remunerado –, mas a relação entre cuidadores e idosos não é necessariamente poluída por ser mediada pelo mercado. Para os cuidadores, o discurso da família – ou, mais frequentemente, uma ética do cuidado – é central. Eles representam a si mesmos como pessoas que cuidam,

⁷ Ver Fuchs, 2005; Barnes, 2010; Miller, 1996; a antropóloga médica Margolies, 2004, 2010; Geist, 2009; Maierhofer, 2010; Simmons, 1996; e Kane e West, 2005. Ver também as memórias da escritora britânica Gillies, 2009. Memórias, tanto longas quanto breves, também têm sido escritas por filhos cuidando de pais idosos; ver Roth, 1991; Rauch, 2010.

⁸ Ver Shulman, 2008; Ackerman, 2011; Sheehy, 2010.

e em três das histórias o sentimento de família entre cuidador e idoso é palpável (em duas histórias, a agência que intermedia a relação entre o cuidador e o idoso fragilizado é apontada como indiferente pelos próprios cuidadores, mas em outra história, a agência é apresentada como uma força para o bem). Se o local de cuidado em três histórias é a casa, a geografia global dos cuidados leva-nos dos Estados Unidos a Israel, com cuidadores provenientes da América, Jamaica e Filipinas. Mas essas são generalizações. Elas não levam em conta a particularidade dessas histórias – a textura da experiência e a força da narrativa. Todas elas, embora de forma diferente, têm poder de nos engajar.

A primeira história – *A Place Called Canterbury*, o livro que me revelou meu ponto cego – introduz a figura do cuidador, uma mulher de cor que, tendo cuidado de uma mulher branca, é facilmente esquecida; *Canterbury* implicitamente nos pede para seguir sua vida além de suas páginas e para o futuro. A segunda história segue a jamaicana Evelyn Coke no período sombrio de sua própria velhice difícil, que também se distingue pela sua notável resolução para lutar pela justiça social para si e para os outros. A terceira e a quarta histórias – uma longa matéria na *New York Times Magazine*, intitulada “Os últimos melhores amigos que o dinheiro pode comprar” e o filme *Bonecas de Papel* – fornecem retratos de vida mais amplos dos cuidadores, que estão predominantemente na faixa dos trinta anos. Nessas duas histórias somos atraídos mais plenamente em seus mundos de cuidados de idosos e, sobretudo, aprendemos também outras dimensões de suas vidas. Considero que o filme é o texto mais complexo e eu dedico mais espaço a ele.

II “Nós é família”

Na conferência em Gloucestershire, eu discuti *Um lugar chamado Canterbury: Contos do Novo Envelhecimento na América* (2008), de Dudley Clendinen, um livro que contém o relato absorvente do declínio de sua mãe, ao longo de uma década no Centro de Saúde de Canterbury Tower, a ala da

enfermaria de uma instituição de cuidados contínuos sem fins lucrativos em Tampa, na Florida. Clendinen fornece dois grandes quadros para a história de sua mãe: as histórias de outros residentes de Canterbury que capturaram seu interesse e a história de sua relação com sua mãe ao longo deste longo calvário. Sua mãe, incapaz de falar ou se alimentar depois de dois acidentes vasculares cerebrais em rápida sucessão, sofria de artrite, escoliose, pressão alta e osteoporose, e foi confinada a uma cadeira de rodas e, em seguida, à cama por mais de nove anos.

Enredada em *Um lugar chamado Canterbury* há uma importante história de fundo que eu não considerei então e que coloco em foco agora. Louise Edwards, a criada de sua mãe de longa data (elas já estavam juntas há cerca de 20 anos), é introduzida no início do primeiro capítulo, antes que sua mãe sofresse seus dois acidentes vasculares cerebrais incapacitantes. Em 1998, Clendinen voa a partir de Baltimore para Tampa, descobrindo ao chegar que Louise está com sua mãe, que havia fraturado a coluna:

Eu voei até lá e encontrei a Mãe em um quarto na enfermaria, aconchegada e apoiada entre travesseiros na cama, cabelo penteado e maquiagem perfeita, olhar encantador. O almoço estava numa bandeja. Louise Edwards, sua empregada, tinha trazido louça e talheres do apartamento e estava sentada em uma cadeira ao lado da cama. Em uma mesa de rodinhas, entre elas, estava o balde de gelo de prata da Mãe, com uma colher de prata ao lado dele.

“Louise, quehida”, Mãe disse, com um gesto, “me dê um pouco daquelehe gelo amassado c’oacué.”

Louise abriu a tampa da caçamba, pegou com a colher um pequeno montículo brilhante de gelo, e segurou-a, pingando. Mãe sorriu e abriu a boca, e Louise deslizou a colher para dentro. Nham, nham. Mãe parecia satisfeita. Louise veio todos os dias. (Clendinen, 2008:19-20)

Após o segundo derrame de sua mãe, Clendinen e sua irmã pediram a Louise que voltasse para ajudar, e ela continuou a cuidar de sua mãe, juntamente com enfermeiras e auxiliares de enfermagem, com amor e graça, indo à Canterbury Tower três vezes por semana, lhe fazendo companhia, cuidando o tempo todo dela, cantando hinos para ela, escovando o cabelo e aplicando a maquiagem, até que ela morreu. Clendinen salienta a, quase estranha, bela aparência de sua mãe; e, como o filho conta a história, o trabalho de Louise foi em grande parte dedicado à preservação da aparência de feminilidade da mãe. Isso ele não entende como uma indulgência peculiar. Ao contrário, ele é grato que Louise, como ele diz, “prestou atenção a todos os detalhes de escolha que restavam na minúscula vida restrita da minha mãe” (Clendinen, 2008:148).

Louise consolou sua mãe do modo como sua mãe havia confortado seus próprios filhos quando eles estavam doentes. Se Clendinen entende cuidados de sua mãe e conforto não como uma extravagância, mas como uma instância de reciprocidade (embora deslocados), ele está ciente de que ele não é do seu feitio e prestar cuidados corporais e apoio emocional constantes. Estruturalmente há aqui uma assimetria. Louise Edwards é o terceiro termo que não faz, no sentido freudiano, a separação entre mãe e filho; pelo contrário, ela os une.

Embora Clendinen não dedique muito espaço para Louise, sua presença permeia todo o livro. No entanto, nós ficamos sabendo muito pouco sobre ela. Não sabemos onde ela nasceu, quantos anos ela tem, ou se ela tem uma família. Nós somos informadas de que ela é, como Clendinen coloca, “escura”. Mas em termos de ligação entre essas duas mulheres, ficamos a par do essencial:

Ela reagiu feliz à minha irmã, Melissa, quando ela a visitou, e em relação a mim quando eu vinha de Baltimore ou Nova York, mas cada vez mais, pensei, era a sua empregada e companheira, Louise Edwards, que cuidava dela, a alimentava, e lhe fazia companhia três dias por semana, a quem a mãe era mais reativa. “Louise ama você,

Mama”’, disse Louise, olhando nos olhos de minha mãe, segurando sua mão. “Louise te ama”. O olhar nos olhos de minha mãe – o sentimento que ela retribuía – era inconfundível (Clendinen, 2008:75).

“A relação mais importante, mais carinhosa e íntima na vida de minha mãe”, Clendinen escreve, era “com Louise” durante esse longo período (2008:149). Era Louise quem conhecia os humores de sua mãe e que comprou suas roupas e observava sua mãe para notar sinais de declínio. E Louise? Clendinen pergunta se ela prefere o termo “governanta” em relação a “criada”. Esta foi sua resposta exasperada:

“Não!”, disse Louise, indignada. Ela me deu uma carranca de desagrado, como se eu tivesse dito algo ofensivo. Ela se virou para minha mãe, então de volta para mim, ainda segurando a mão da mãe. “Eu, criada da sua mãe!”, disse. “Isso é pessoal”. Ela olhou para mim, sem piscar, “Nós é família” (2008:149-50).

Qual é a estrutura familiar imaginada por Louise? Louise pensava nela, ela disse a Clendinen, como sua própria mãe. E o próprio Clendinen? “É o que eu sinto... tudo isso só se sente como uma família. Estamos todos juntos, até o fim” (2008:150).⁹

No final do livro, após a morte de sua mãe, Clendinen nomeia os membros do pequeno círculo de família de sua mãe que são deixados para trás. Há seis deles, um dos quais é Louise. Eu me pergunto, o que aconteceu com ela? Pergunto-me, ele

⁹ Estou bem ciente de que a retórica da família – especialmente quando invocada na casa de alguém que é simultaneamente um local de cuidado remunerado – pode mascarar uma relação de exploração assimétrica entre cuidadores e seus empregadores. Aqui, no entanto, gostaria de sublinhar o testemunho de cuidadores que se orgulham de seu compromisso de cuidar e que valorizam a intimidade que, no entanto, pode estar presente nos contextos de cuidado pago. Ver Stacey, 2011. Eu também enfatizo a vulnerabilidade tanto do cuidador quanto do idoso, uma condição que pode operar para mitigar os efeitos destrutivos dos diferenciais de poder e aumentar a proximidade.

esteve em contato com ela antes de morrer em 2012? A mãe de Clendinen recebeu excelente cuidado, acompanhados de bondade e amor, em seus longos últimos anos. Sua mãe tinha os meios materiais para sustentar tal cuidado. O que o futuro reserva para Louise Edwards? Quem vai cuidar dela?

“Espero que eles procurem me ajudar, porque eu preciso muito de ajuda”

Em agosto de 2009, uma história de Douglas Martin, no *New York Times*, relatou a morte da jamaicana Evelyn Coke aos 74 anos. Eu cito abaixo um pouco mais de um quarto dessa notícia:

Ano após ano, Evelyn Coke deixou cedo sua casa no Queens para ir às residências de idosos, doentes, e muitas vezes, pessoas morrendo. Ela os banhava, cozinhava para eles, os ajudava a se vestir e monitorava os seus medicamentos. Ela às vezes trabalhava três turnos consecutivos de 24 horas.

Ela adorava o trabalho, mas ela ganhava apenas US\$ 7 por hora e não recebia horas extras. Durante anos, a Srta. Coke, uma mãe solteira de cinco filhos, reclamou baixinho e então, inesperadamente, se rebelou. Em um caso que chegou à Suprema Corte em abril de 2007, a Sra. Coke entrou com uma ação para reverter regulamentações trabalhistas federais que isentam as agências de “home care” de pagar horas extras. “Espero que eles tentem me ajudar, porque eu preciso muito de ajuda”, disse ela em abril de 2007 depois de ouvir os pronunciamentos orais da corte. Ela havia parado de trabalhar após se ferir em um acidente de carro seis anos atrás, e então usava cadeira de rodas.

A corte rejeitou unanimemente sua solicitação... Sua saúde se deteriorou até que ela morreu de falência cardíaca em 9 de julho...

Como um símbolo, Evelyn Coke permanece viva, enquanto o Congresso e os regulamentos de revisão da gestão

Obama fazem emendas à Lei 1938 sobre os salários. Em junho, 15 senadores e 37 membros do Congresso escreveram a Hilda L. Solis, Secretária do Trabalho, exortando-a a eliminar a isenção para atendentes domésticos.

“Evelyn Coke, que conduziu um caso até a Suprema Corte, passou duas décadas trabalhando mais de 40 horas por semana a cuidar dos outros”, escreveram os senadores. “No entanto, quando ela passou a sofrer de insuficiência renal, ela não podia pagar um profissional de saúde para cuidar dela”.

Nos Estados Unidos, como resultado de legislação e regulamentação federais que datam dos anos 1930 e 1970, não há nenhuma exigência a nível nacional de que os cuidadores domiciliares sejam remunerados com salário mínimo ou horas extras (ironicamente, uma das razões pelas quais os trabalhadores dos cuidados foram excluídos dessas leis e regulamentações trabalhistas era a proteção da casa como um local de privacidade). Como funcionária da Long Island Cuidados em Domicílio, Evelyn Coke, tendo imigrado da Jamaica para os Estados Unidos na década de 1970, havia cuidado de pessoas idosas; ela não recebeu qualquer pagamento de horas extras, e em uma ironia cruel, não lhe concediam benefícios de saúde. Nos últimos anos de sua vida, Coke necessitava de diálise três vezes por semana e, como a notícia ressalta, “era incapaz de pagar um profissional de saúde para cuidar dela”, seu sofrimento físico exacerbado pela sua posição vulnerável como pobre, velha, mulher, negra, vinda da Jamaica. Uma mulher que cuidava de outros e que, em sua própria idade avançada, não podia garantir essa ajuda para si mesma; ela moveu uma ação por reparação.

Não obstante o fracasso de sua ação, que foi finalmente julgada pelo Supremo Tribunal Federal, Evelyn Coke, tanto na idade avançada como na morte, tornou-se uma trágica figura heróica, sua dignidade e determinação em face da irônica injustiça social emocionou pessoas nos Estados Unidos e inspirou reivindicações de mudança. Sua história tem circulado

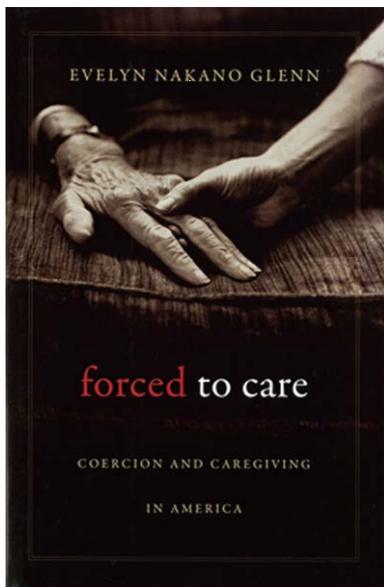
amplamente na mídia (imprensa, rádio, televisão aberta), bem como nas mídias sociais (há uma homenagem a ela no YouTube por ocasião do primeiro aniversário de sua morte). Ela gerou indignação e ajudou a moldar um grande esforço para mudar a política nacional, com o presidente Obama e a Secretária do Trabalho evocando a sua experiência em defesa da mudança sob a bandeira de “Tomar conta daqueles que cuidam de nós”. Evelyn Coke tornou-se, em suma, um poderoso símbolo do fracasso de nossa sociedade em apoiar os trabalhadores que cuidam de nossos entes mais vulneráveis na velhice. Com a afirmação “Eu amava o meu trabalho, mas o dinheiro não era de forma alguma suficiente”, ela foi citada no *New York Times* em março de 2007, um mês antes de a Suprema Corte ouvir os pronunciamentos (Greenhouse, 2007). Na mesma matéria, o presidente da Long Island Care (Cuidados Long Island) é citado como tendo insistido que o pagamento de horas extras para os cuidadores domiciliares custaria muito e colocaria a empresa em risco, acrescentando que seria “terrível para toda a indústria”. (O que falta nessa história? Eu teria gostado de saber qual foi a experiência de quem foi cuidado por Evelyn Coke).

A história de Coke também foi abordada por acadêmicos. Em *Forçado a Cuidar: Coerção e Cuidado na América* (2010), Evelyn Nakano Glenn retorna à história de Evelyn Coke várias vezes.¹⁰ O propósito de Glenn é chamar a atenção para a crise dos cuidados que estamos enfrentando nos Estados Unidos e para traçar ao longo da história americana as formas intrincadas de coerção sistemática subjacente ao que ela denomina “a organização social do cuidado”, cujas características incluem a dependência da esfera privada da família, a feminilização e a racialização do cuidado, o baixo status do trabalho de cuidado e dos próprios cuidadores e, a virada desde a década de 1970 para

¹⁰ Para outros estudiosos que se referem a Evelyn Coke, ver Stacey, 2011; Boris, 2011.

as políticas econômicas neoliberais, o crescente repúdio do Estado à responsabilidade por esse cuidado (Glenn, 2010:5).¹¹

Que imagem encontramos na capa do livro de Glenn? É justamente a fotografia de Lars Klove, convertida em tons de marrom que sutilmente racializam a imagem em preto e branco; a palavra “forçado” está em vermelho drenando o sentimentalismo simples da cena. No contexto da capa do livro, somos convidados a ler a fotografia “Mãos Maduras e Jovens” como ambígua e ambivalente, as mãos se tocando simbolizando a relação entrelaçada entre a pessoa cuidada e o cuidador, uma relação complicada que pode ser afetiva em um sentido positivo, mas é também mediada de forma complexa por crenças culturais, políticas públicas e instituições sociais (incluindo, mais proeminentemente, a família e o mercado).



Book cover from FORCED TO CARE by Evelyn Nakano Glenn appears courtesy of Harvard University Press. Copyright © 2010 by the President and Fellows of Harvard College.

¹¹ Ver Hoff, Feldman e Vidovicova (2010) sobre trabalhadores domésticos

Forçado a cuidar: esta era a situação de Evelyn Coke, cuja experiência fala a tantas mulheres de cor nos Estados Unidos.

Eu não vou repetir aqui o argumento persuasivo de Glenn. Mas quero ressaltar que ela abre seu livro, identificando o rápido crescimento da população de idosos nos Estados Unidos como o índice chave da nossa intensificada crise dos cuidados. Da mesma forma, Kittay, na introdução do conceito de trabalho de dependência, começa seu influente livro *Love's Labor* (Trabalho do Amor) com uma referência ao cuidado dos idosos, citando a história de uma mulher negra, pobre de 95 anos de idade, frágil e progressivamente cega, que cuidou de outros durante a maior parte de sua vida e agora tem apenas a sua própria família com quem contar para cuidar dela. O foco de Glenn e Kittay em cuidadores e idosos é raro e urgente. Durante décadas, as feministas têm se preocupado com questões de direitos reprodutivos e assistência à infância, igualdade de oportunidades e igualdade de remuneração por trabalho igual e sexualidade e identidade de gênero. Mas não com o envelhecimento.¹² Nos Estados Unidos, a noção de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, por exemplo, tem sido associada predominantemente com o cuidado das crianças. Mas hoje, como Glenn insiste, a “nova fronteira” desse equilíbrio é o cuidado dos idosos e dos parentes deficientes (Glenn, 2010:3).¹³ Raça é uma parte importante da equação. Na verdade, esse tem sido um segredo público de anos, como atesta o notável artigo do escritor Ted

migrantes cuidadores de idosos.

¹² Segundo a Family Caregiver Alliance, se estima que 59-75% dos cuidadores nos EUA sejam mulheres (Geist, 2009:163).

¹³ As aflições do envelhecimento e da deficiência muitas vezes convergem, embora Glenn não discuta o assunto. Pesquisa social científica em outros países chama a atenção para o efeito do envelhecimento da população sobre o crescimento do emprego em cuidados no contexto da redução do papel público do Estado. Ver Peng (2010) sobre cuidadores na Coréia, e Doyle & Timonen (2010), sobre os cuidadores dos idosos migrantes na Irlanda; neste último estudo, verificou-se que os cuidadores preferiram trabalhar com os idosos a trabalhar com crianças.

Conover na *New York Times Magazine*, em 1997, e sobre o qual eu agora me debruço. Ele escreve: “A enfermagem é uma das poucas carreiras tradicionalmente abertas às mulheres em Jamaica – um fato que se encaixa muito bem com as crescentes necessidades dos americanos” (Conover, 1997:127).

“No interior, nós mesmos sempre cuidamos dos idosos”

O ponto central da reportagem de Conover “Os Últimos Melhores Amigos que o Dinheiro Pode Comprar” é o “dilema” do cuidado da pessoa idosa nos Estados Unidos (Conover, 1997:132). Conover cita estatísticas sobre envelhecimento e os custos dos diferentes tipos de cuidados. Mas no cerne da “Os Últimos Melhores Amigos” está a história que ele conta de duas mulheres negras (ambas são imigrantes jamaicanas nos seus trinta) que cuidaram de uma mulher de 90 anos de idade de Nova Iorque (ela é branca), durante os últimos meses de sua vida. Testemunho de sensibilidade e habilidade de Conover como escritor, “Os últimos melhores amigos” transmite os mundos complexos dessas mulheres, carregados de dificuldade e significado.

Um excelente exemplo do gênero de uma reportagem de revista, “Os últimos melhores amigos” marcadamente se distancia de uma notícia estereotipada que se abre com uma breve anedota (fulando de tal, idade tal e tal) e, em seguida, prossegue rapidamente para a generalização a que serve; eu chamo esse gênero de notícia de “história-informação” (Woodward, 2009). Projetado para nos alertar para situações difíceis e problemas, uma “história-informação” não abre espaço para o pensamento e o sentimento; uma história-informação exclui a possibilidade de representar a subjetividade no nível do indivíduo. Esforçando-se para a generalização, uma história-informação tende a instrumentalizar as normas sem levar em conta a particularidade. Em contraste, “Últimos Melhores Amigos”, é muito mais do que uma reportagem em um jornal diário, a história das pessoas envolvidas é o coração da peça, e não os indicadores dos cuidados de saúde. E a história inclui os cuidadores.

Conover introduz-nos primeiro a Lorna Kingston que, vestindo um casaco amarelo claro, está sendo entrevistada para uma posição como trabalhadora domiciliar de saúde no apartamento de Rose Enselman, em Central Park West em Nova Iorque. Lorna é contratada e, depois que o cuidado diário de Rose ficou exaustivo, de fato impossível para uma única pessoa, Claudia Piper se junta a ela. O último parágrafo da peça de Conover – passados vários meses após a morte de Rose e o pequeno funeral com a presença de ambas – devolve-nos a Lorna e Claudia, que se aproximaram uma da outra do mesmo modo em que se vincularam a Rose. Se Lorna não usa a linguagem da família, ela expressa sua ligação com Rose depois de sua morte: “Você sofre, você sente isso, saber que ela se foi, porque nós realmente nos tornamos próximas dela” (Conover, 1997:150). Como Clendinen escreve sobre Louise Edwards, o sobrinho de Rose reconhece no funeral o papel que Lorna Kingston e Claudia Piper (e três outras pessoas) tiveram nos últimos dias de sua tia: “Eu acho que nos últimos dias essas eram as pessoas mais importantes. E eu acho que Rose iria querer que eu lhes agradecesse” (Conover, 1997:152).

Se Lorna Kingston e Claudia Piper como cuidadoras abrem e fecham a história, as soberbas fotografias, tiradas por Scott Thode, que acompanham o artigo na revista também nos dizem que esta é antes de tudo a história delas. A primeira fotografia, ocupando uma página inteira da revista e se espalhando sobre a dobra, é de Lorna e Claudia. Ao longo da história, as fotografias que enfocam as duas são grandes e em cores, enquanto as três fotografias de Rose Enselman são pequenas e em preto e branco.

Um dos contrastes subjacentes a “Os Últimos Melhores Amigos” é o de dois sistemas de valor sobre o cuidado, um neoliberal (embora Conover não use a palavra),



que eu estou tentada a nomear de tradicional, contando com membros de uma família para cuidar uns dos outros, mesmo que Lorna tivera que deixar para trás os seus dois filhos quando veio para os Estados Unidos. Mas o contraste parece aumentar organicamente a partir da história dessas mulheres ao invés de ser uma ideia – ou de um debate – que estruture o artigo. Ao longo de “Os Últimos Melhores Amigos” nós também descobrimos que Lorna está enviando dinheiro para sua irmã na Jamaica. Sua mãe, sua tia e sua madrasta também emigraram para Nova York, onde são cuidadoras. Elas são orgulhosas do que fazem e sentem-se confusas – se não chocadas – com a forma como as famílias americanas não cuidam de seus próprios idosos. No entanto, há aqui uma contradição. Aprendemos também que Lorna não consegue imaginar voltar para Jamaica, quando ela própria envelhecer. Conover visita a avó de Lorna na Jamaica e relata essas conversas:

A cem pés da casa de infância de Lorna vive sua avó, Claribel Brown, de 83 anos de idade. Ela serve aos visitantes um prato de pequenas bananas doces e diz que quando ela estiver fraca demais para cuidar de si mesma, há muitos, muitos parentes próximos que vão entrar em cena. “Toda a minha vida eu cuidei das crianças”, diz ela. “Agora eles cuidam de mim”.

Eu conto isso para Lorna e pergunto quem vai cuidar dela quando ela for idosa. Será que ela nunca considerou a Jamaica? Ela balança a cabeça. “Eu falo com o Júnior [o filho que vive com ela em Nova York] sobre isso. Ele já disse que não vai me colocar em uma casa de repouso. Ele diz: ‘Mamãe, eu vou te dar o melhor cuidado que existe. E eu vou ficar de olho o tempo todo para ter certeza de que você o receba’”. Em seguida, ela exprime um sentimento muito americano: “E eu espero que ele não se esqueça” (Conover, 1997:147-148).

Quem vai cuidar do cuidador?

Como a experiência de Lorna Kingston sugere, não parece haver possibilidade de que as práticas de cuidado que essas mulheres trazem consigo da Jamaica transformem os cuidados dos idosos nos Estados Unidos, provocando uma mudança social transnacional de baixo para cima. Ao contrário, suponho que conforme a demanda por cuidados cresça em nossa sociedade cada vez mais envelhecida, o mesmo acontecerá com o fluxo global de cuidadores para os Estados Unidos, com uma geração substituindo a outra.¹⁴

Como podemos chamar mais a atenção para esse segredo público? Como podemos provocar nas pessoas a preocupação com o cuidado do idoso frágil e com os seus cuidadores? O artigo de Ted Conover sugere uma importante forma de contar essas histórias: não focar na pessoa idosa isoladamente, assim como faz a fotografia a que me referi na abertura deste ensaio, e talvez nem mesmo na frágil mulher mais velha no primeiro plano, mas sim na relação de cuidado para que nos tornemos testemunhas da experiência de todos os envolvidos na cena de cuidados. Considere, por exemplo, a fotografia na capa da *New York Times Magazine* que caracteriza a peça de Conover. Uma imagem bonita

¹⁴ Há importantes estudos sobre os efeitos da migração sobre os cuidados no país de origem. Ver a antropóloga Parrenas (2000:561) que, estudando trabalhadores domésticos filipinos, identifica o que eu vejo como um efeito dominó, a “transferência internacional do cuidado”.

chiaroscuro de Lorna Kingston e Rose Enselman, seus tons religiosos transmitem a força da compaixão em face da mortalidade iminente, e o conforto que vem de cuidados íntimos e envolventes. Não deve passar despercebido que o toque das mãos, preto e branco, é central para a imagem e, em seu tom, é inequívoca a tranquilidade que o cuidado oferece. No entanto, esse tom é prejudicado na capa pela natureza coloquial e infantilizadora do título do artigo – “The Last Nanny” [“A última babá”] – bem como pela chamada, projetada para provocar pânico e, em seguida, eliminá-lo, anunciando perigo numa forma melodramática: “Viver mais tempo muitas vezes significa ser deixado com um estranho. O boom no atendimento aos idosos cria novas relações repletas de medo, culpa e até mesmo amor”.

O artigo de Conover em si não é culpado do melodrama em preto e branco. Eu venho salientando a sua ênfase sobre as duas mulheres dedicadas que cuidaram de Rose Enselman. O que também é excepcional sobre “Os últimos melhores amigos” é a medida com que Conover inclui tantas outras pessoas na cena do atendimento, dando-nos as suas perspectivas. Todos têm um papel crucial a desempenhar, quase todos são nomeados. Há o sobrinho de Enselman, seu parente mais próximo. A amiga de Enselman (ela é gerações mais jovem) que vive no mesmo prédio. A empregada que vem uma vez por semana (ela tem vindo há anos). O geriatra de Rose. Seu gerente de cuidado. A assistente social que avalia como ela está toda semana. O contador. Juntos, eles formam um conjunto de muitas partes comoventes em uma economia global neoliberal, gerindo os cuidados de Rose, sim, mas também cuidando de maneiras afetivas diferentes, realizando funções distintas. Para Rose Enselman, Lorna Kingston e Claudia Piper, a cena dos cuidados, embora fotografada, predominantemente, em termos de duas pessoas em um relacionamento íntimo, está fundada sobre uma base complexa de muitos relacionamentos. O próprio número de pessoas envolvidas pode levar-nos a suspeitar que Rose Enselman fosse rica. Mas esse não era o caso. Conover nos diz que ela tinha uma renda anual de cerca de US\$ 19.000.

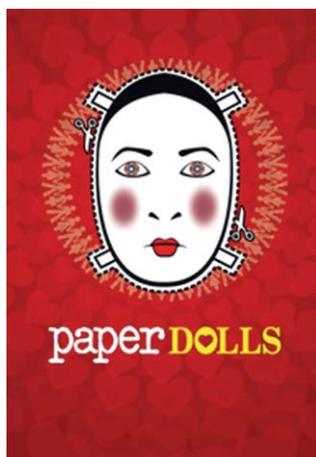
“Eu me preocupo com todas as pessoas idosas. É por amor”

A história de Conover é um exemplo de uma reportagem longa publicada em uma revista e escrita por um único autor. O filme do israelense Tomer Heymann, “Bonecas de Papel”, produzido inicialmente como uma série de televisão em seis episódios, é um exemplo de colaboração em um meio visual com o sujeito de uma subcultura diaspórica. Se a história de Conover concentra praticamente em igual medida a nossa atenção afetiva tanto nos cuidadores quanto no idoso que necessita de cuidados, o documentário de Tomer Heymann, lançado em 2006, desloca a parcela dominante de atenção para os cuidadores de idosos.¹⁵ Se a história de Lorna Kingston e Rose Enselman diz respeito à maneira em que os cuidados por membros da família nos Estados Unidos estão sendo rapidamente substituídos por uma economia de serviços que faz parte de um mercado globalizado, “Bonecas de Papel” descreve o fenômeno de cadeias de cuidados globais de forma mais dramática – tanto em termos de alcance geográfico quanto em termos de uma política nacional muito mais implacável do que a dos Estados Unidos, que torna a vida dos cuidadores migrantes politicamente perigosa.

“Bonecas de Papel” desafia as nossas expectativas em relação à prestação de cuidados em termos de papéis de gênero, embora, em última análise, as confirme de uma forma inesperada. O filme não se concentra exclusivamente na prestação de

¹⁵ Alguns telespectadores podem considerar a ocupação desses trabalhadores migrantes como acidentais ou tangenciais aos principais temas do filme. Como o próprio Heymann disse: “Para mim, o filme é ... sobre ser uma pessoa de fora, especialmente nesta história há muitos níveis de ser [um] outsider. Essas pessoas vieram das Filipinas para TelAviv – assim, em primeiro lugar, são pessoas de fora aqui em Israel. Em segundo lugar, porque o governo mudou a [lei], tornaram-se trabalhadores ilegais aqui. Eles podem ser abordados pela polícia de imigração. Mesmo na comunidade filipina, eles são bastante estranhos porque eles não são “gays clássicos”, eles são transexuais e eles trabalham com idosos judeus ortodoxos – que [significa que eles são outsiders] dentre outras pessoas outsiders, porque mesmo esses judeus são uma espécie de outsiders aqui em Israel” *apud* Ashuri (2010:116).

cuidados e nos idosos frágeis, captando assim a atenção de pessoas que de outra forma poderiam rejeitar o assunto de atendimento aos idosos. Ele atrai nosso interesse em termos espetaculares e por meio de apostas que são perigosamente altas, emoldurando o retrato das demandas diárias mundanas exigidas dos cuidadores não apenas por suas performances semanais de fim de noite como fabulosas drags no grupo de dança de cabaré “Bonecas de Papel”, mas também nos termos da escalada do clima político dirigido a migrantes. No estilo Busby Berkeley de filme musical, os créditos de abertura apresentam imagens coreografadas, tipo desenho-animado, de batons e pentes, sapatos de salto alto e microfones, secadores de cabelo e uma tesoura, com a dimensão de alto astral do filme capturada na publicidade abaixo. Profeticamente, os créditos de abertura também apresentam aviões de combate e algemas. O trabalho de cuidado é apenas uma parte da história complexa, narrada através da estética informal de close-up de filmes caseiros e documentários na primeira pessoa do plural. Como espectadores do filme, assistimos a uma gama completa de emoção por parte desses cuidadores que variam de resignação e tristeza para alto astral e alegria.



As emoções do amor e saudade nutrida pela religião cristã e as tradições familiares fortes são centrais, bem como os sentimentos políticos de raiva e depressão provocados pelas medidas repressivas do Estado.

“Bonecas de papel” segue um pequeno grupo de transexuais filipinas, homens que se identificam como mulheres, na faixa etária 27-40, que deixaram as Filipinas para escapar de severas restrições em torno de identidade e práticas sexuais, chegando a Israel para trabalhar como cuidadores de idosos judeus em um ultra-ortodoxo subúrbio de Tel Aviv. Considere a envolvente Sally (batizada de Salvador no nascimento), de 36 anos e vivendo em Israel há sete. Aberta e expressiva, ela cuida há três anos de Haim Amir, o homem de 80 e tantos anos de idade, a quem ela chama de “Pappa”.¹⁶ Falando de sua identidade sexual, ela diz ao cineasta que se sente “livre” em Israel. Falando de sua vida, em geral, ela diz que é “feliz”. O que é mais difícil para ela é a falta que sente de sua mãe, sobretudo o fato de não poder cuidar dela, o que também é central para sua identidade. . “Eu me preocupo com todos os idosos”, diz ela, “É por amor... Se eu estivesse nas Filipinas, eu faria isso para minha mãe”. Sally se identifica como “filha única” de Haim, o que é ainda mais surpreendente porque na verdade ele tem uma filha, assim como um filho. Tendo retornado às Filipinas para visitar sua mãe (Sally não a via há seis anos), Sally anseia por voltar a Israel, motivada por Haim e por sua comunidade da “Bonecas de Papel” – e ela o faz. Não obstante suas diferenças extremas, ao longo do tempo, e no espaço de cuidado diário íntimo e mundano, ela e Haim formam vínculos afetivos de parentesco nos moldes da família nuclear.

No que para mim é um dos momentos mais notáveis do documentário – ocorrendo mais próximo ao final do filme –, Haim é questionado pelo cineasta quanto à sua reação à identidade de Sally como sendo simultaneamente homem e mulher. Retratado

¹⁶ N. do T. “Pappa” é um termo carinhoso, que equivaleria a “papai” ou “vovô” em português.

como um homem doce em sua intenção de ensinar Sally a ler hebraico corretamente em voz alta, ele responde: “Eu me acostumei com isso. Assim é a vida”. Embora isso possa soar seco quando lido neste ensaio, no documentário a sua resposta combina o pragmatismo com um conhecimento de aceitação adquirido em um longo período de tempo, uma atitude que poderíamos ser tentados a chamar – apropriadamente – de sábia . Como ele expressa sua aceitação, que é um sinal de afeto?



Há muitas maneiras, mas uma delas, em especial, me faz sorrir: ele oferece a ela como presente um conjunto de saia e blusa. Dentro do mundo do documentário, poderíamos dizer que um relacionamento moral entre Sally e Haim foi criado por engendrar a compreensão e criar laços de reciprocidade, incluindo reciprocidade emocional.

Sally e Haim são ambos extremamente vulneráveis quando considerados isoladamente como indivíduos; juntos eles formam um par resistente ligado por fortes laços emocionais – de preocupação, cuidado e respeito, por um sentimento de segurança. Eles estão juntos para amparar um ao outro se e quando caírem. À medida que o filme acompanha Sally ao funeral de Haim, vemos como no ritual de luto por ele, ela afirma parentesco publicamente, expressando seu endividamento e o significado que essa relação tinha para ela. Será que devemos considerar o apego um ao outro apenas como um retrato

superficialmente sentimental, do cineasta, de um relacionamento único? Será que devemos duvidar da articulação de Sally sobre o que é apresentado como valores tradicionais filipinos? É vazia a retórica do amor?

O documentário sugere o contrário – e não apenas para Sally. Cheska (nascida Francisco), 38, representada predominantemente como deprimida no filme (ela perdeu seu emprego), diz: “Nós temos o amor, nós somos muito dedicadas... Nós respeitamos as pessoas de idade”. Considere também Jan, 27 anos (nascida Troan Jacob). Menos expansiva do que Sally, hesitante, sombria, talvez pensativa, Jan é despedida de seu emprego depois de seis anos (uma filipina mais jovem é contratada em seu lugar). Como ela diz ao cineasta, ela estava ligada à família de quem cuidou como se fossem sua mãe e seu pai.¹⁷ No final do filme, vemos Jan, disponível, amigável e sorridente, cuidando de uma mulher idosa em um Centro Judaico de Cuidados, em Londres. Vemos Giorgio (nascido Eduardo) lá também, tranquilizando uma idosa com uma voz suave.¹⁸ Supõe-se que entendamos que as Bonecas de Papel não consideram essa dimensão de seu trabalho como exploradora, mas sim como

¹⁷ Ver Manalansan (2010:215, 221, 222) sobre “the emotional under currents of Filipino flexible labor” (“os subtons emocionais do trabalho Filipino”). Ainda que eu considere fascinante seu argumento de que a figura de Jan fornece um exemplo de desafeto, “um contra-exemplo de sentimentos negativos que mostra a ambiguidade de regimes afetivos de cuidado e trabalho” e de “alienação gerida e uma temperada hostilidade para com os regimes de poder e cuidado”, eu não creio que o filme tomado como um todo apoie essa leitura.

¹⁸ Correndo o risco de ser mal interpretada como essencializando a capacidade de cuidado por parte das filipinas, refiro-me à etnógrafa Degiuli que estudou cuidadores domésticos dos idosos na Itália. Ela cita uma mulher filipina de 40 anos de idade que relatou fazer esse trabalho difícil por três motivos: “porque eu odeio o frio e eu não quero estar correndo por toda a cidade de um emprego para outro, porque eu era enfermeira obstetrix nas Filipinas, e eu sei o que significa cuidar de pessoas. Para nós, nas Filipinas, os anciãos são como artefatos preciosos em um museu. Precisamos cuidar bem deles. Eu estava acostumada a cuidar da minha avó e eu cresci valorizando mais velhos. E, finalmente, porque eu gosto, eu chamo de vocação. Posso fazer esse trabalho de olhos fechados” (Degiuli, 2007:204).

significativa. Embora possamos ser céticos do discurso da família, como forma de dissimular a natureza opressiva do cuidado remunerado, precisamos prestar seriamente atenção ao que dizem os cuidadores em tais situações, e não simplesmente descartar suas descrições. Para Louise Edwards, a fiel cuidadora da mãe de Dudley Clendinen, “família” descrevia perfeitamente a relação entre a mãe dele e ela própria.¹⁹

Esses homens, que são mulheres, são forçados a cuidar? Essa é uma pergunta difícil, e a resposta pode ser sim ou não. É claro que poucos empregos estão disponíveis para elas em uma economia global. É também claro que, para qualquer cultura em particular, gostaríamos de realizar uma análise historicamente específica do papel do cuidado e do trabalho doméstico, assim como faz Glenn em *Forçado a Cuidar: Coerção e Cuidado na América*. As cinco Bonecas de Papel – Giorgio, Jan, Sally, Chiqui, e Cheska – são parte integrante de uma subcultura distinta e têm orgulho de seu trabalho. Gostaria de especular que o próprio fato de cuidar estar associado a mulheres é atraente para elas. Elas também declaram nitidamente que honrar as pessoas de idade através de prestação de cuidados é um valor fundamental da cultura filipina; não devemos ter nenhuma razão para duvidar. Esse é um valor que eu gostaria que todos nós compartilhássemos ao redor do globo. Em vez disso, os mercados de trabalho global movem o amor como mais-valia, como uma mercadoria, e como uma exportação de um país para outro – no processo de comercialização da intimidade. Como vimos em “Bonecas de Papel”, no melhor dos casos, o que é criado é um sentimento de parentesco conforme novas formas de família tomam forma, mesmo que a ideologia do indivíduo que carrega o fardo do risco se intensifique em todo o mundo. Na verdade, isso é ainda mais importante porque, deve-se salientar, tanto os cuidadores quanto

¹⁹ Em seu trabalho já clássico sobre o trabalho emocional em uma economia de serviços, a socióloga Arlie Hochschild sustenta que a realização de tais trabalhos resulta na alienação das pessoas em relação a si mesmas; essas histórias contam uma história diferente. Veja Stacey (2009:85-136) sobre a recompensa de cuidar.

os anciãos são vulneráveis. Como disse Nancy Folbre (2001:vii) memoravelmente, “a mão invisível do mercado depende do coração invisível do cuidado”. “Bonecas de Papel” torna visível esse segredo público.

Por que a cena mudou para Londres? Se nos Estados Unidos não há nenhuma exigência a nível nacional que os trabalhadores de cuidado domiciliar recebam salário mínimo ou horas extras, em Israel “a situação” para esses cuidadores é muito, muito pior. No início do filme, manchetes simuladas de um jornal nos esboçam o contexto histórico:

Em 2001, com a ascensão da Segunda Intifada, Israel fechou suas portas para trabalhadores palestinos. Para substituí-los, o governo israelense abriu as portas para mais de 300.000 trabalhadores.

Depois de 2001, a situação dos trabalhadores migrantes tornou-se particularmente precária, porque se eles fossem demitidos, seus vistos eram revogados imediatamente, tornando-os ilegais no país. No decorrer do filme, o humor se torna sombrio. Bombas e sirenes cortam a noite e relatos de trabalhadores estrangeiros deportados são transmitidos no noticiário. No decorrer do tempo, a desempregada Cheska é pega pela polícia, presa e enviada de volta para as Filipinas. No final do filme, Jan, Giorgio, e Chiqui trocam Israel pela Inglaterra, onde há ao menos um caminho possível para a cidadania (Chiqui torna-se uma enfermeira-chefe, e Jan, depois de um ano inteiro, encontra trabalho como cuidadora de um judeu idoso). Sally, após a morte de Haim, retorna às Filipinas.

O filme documenta assim os incessantes fluxos globais dos cuidadores, ou cadeias de cuidados globais. Mas a metáfora da cadeia, que implica força e fixidez, é inadequada. Se são cadeias de produtos, do ponto de vista dos trabalhadores não há nada forte sobre elas. Elas se quebram facilmente. Esses profissionais têm o direito de culpar as agências que os consideram descartáveis. Mas, de forma mais geral, é o Estado de Israel o

responsável, contando com os trabalhadores migrantes para cuidar de seus cidadãos, mesmo quando seus cidadãos desprezam os filipinos. Como transexuais em particular, e como filipinas em geral, elas são desprezadas por muitos, e consideradas curiosidades por outros. O cineasta cita um motorista de táxi israelense (ele acaba de deixar duas delas em uma boate), que solta: “Duas criaturas repugnantes, eu não sei como chamá-los. Eles me dão nojo como homens e como falsas mulheres vulgares... Aquele lugar [ele está se referindo às Filipinas] é o berço do diabo, a origem de todo o mal. Aqui eles fingem ‘cuidar de idosos’”. O clima é venenoso – racista e violento. Jan, Giorgio, e Chiqui devem recomeçar em outra cidade em outro país. Mas se as três começam de novo como cuidadoras, elas também retomam a atuação como Bonecas de Papel, embora em número reduzido. À medida que o filme avança para nos créditos finais, vemos as três em um palco de Londres. Elas são exóticas showgirls – são as Bonecas de Papel de Israel, afinal! – dançando com elã, seus longos brincos pendurados, seus vestidos de papel balançando. Somos lembrados de que, se esse é um documentário que estava em realização por cinco anos e tem a assinatura da realidade, ele também foi moldado com arte.



Quem vai cuidar dessas cuidadoras? Não sabemos. O filme não pode segui-las no futuro distante. Mas o prognóstico não

pode ser bom, tanto nesse momento em suas vidas quanto em uma idade distante por vir. Se a urbanização, a globalização e o envelhecimento da população são as três tendências decisivas do nosso tempo, parece que há uma enorme tempestade em formação. Empregos – novos –, bons empregos precisam ser criados em todo o mundo, se não quisermos experimentar ondas de conflito e violência e longos períodos de recessão econômica, se não quisermos a depressão no futuro. Dado que muitos dos nossos Estados-nação estão despojando-se de responsabilidade em relação às populações vulneráveis, brutalmente cortando programas sociais, como é que cuidamos e cuidaremos do idoso frágil? Cuidados para os cuidadores? Como o teórico Rudiger Kunow (2010:295) de estudos de envelhecimento insiste, “idade” é “um horizonte crítico contra a qual os processos de ‘globalização’ têm que ser analisados e questionados”.

III

A intersecção da globalização e do envelhecimento da população dos Estados-nação implica fluxos de trabalhadores migrantes para os cuidados dos idosos, fluxos que, não tenho nenhuma dúvida, aumentarão à medida que as populações continuam a envelhecer, com os trabalhadores em sério risco – como “Bonecas de Papel” ilustra. Em uma conferência intitulada “Será que a Europa Cuida”, realizada em Amsterdã em abril de 2011, o fenômeno dos trabalhadores migrantes, que estão operando casas de cuidados de idosos em toda a Europa, era um foco especial. Como o site da conferência reconhece, “O pressuposto evidente de que (sempre) haverá um sistema de governo que assumirá a responsabilidade pelo cuidado de seus familiares está desmoronando” (tal sistema nunca foi implantado nos EUA). A fotografia com a qual eu abri este ensaio – uma mulher idosa sozinha em um banco desconfortável – fala sobre esse estado de coisas. Assim como não existe essa coisa chamada bebê, como disse Winnicott, não deve haver essa coisa chamada pessoa velha solitária. O pertencimento é uma exigência

entranhada na nossa carne. A “solução” problemática encontrada são os cuidadores migrantes na Europa, nos Estados Unidos, em Israel e em outros lugares ao redor do globo. Como a antropóloga Francesca Degiuli (2007:193) relatou em um estudo etnográfico sobre os cuidadores de idosos em uma cidade italiana

Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais comum encontrar em parques, mercados de rua lotadas e mercearias, estranhos casais que eram, até alguns anos atrás, desconhecidos para os olhos italianos. Na maioria das vezes, consistem de mulheres migrantes, frequentemente não brancas, e frágeis idosos italianos, algumas as vezes, autossuficientes, outras, confinados a cadeiras de rodas.

Suplantando as formas tradicionais de cuidado, essas formas de “serviço” regulado pelo mercado são lamentavelmente inadequadas em muitos lugares na construção do respeito mútuo e da solidariedade (Baars, 2006:33). Casos podem ser a exceção a essa generalização, como vimos em “Bonecas de Papel”, “Últimos Melhores Amigos”, e “Um lugar chamado Canterbury”, de Clendinen. Nesses três casos, fortes laços foram forjados apesar da insensibilidade do estado e da baixa remuneração dos cuidadores. Mas, como sabemos, e a experiência da falecida Evelyn Coke exemplifica, a situação dos cuidadores de idosos frágeis é tanto precária quanto extremamente injusta. Um dos pontos-chave do “Será que a Europa Cuida” é que “cuidadores informais” (entendidos, em contraste aos Estados Unidos, como trabalhadores que prestam cuidados em residências privadas) devem ser reconhecidos como tendo direito a uma melhor formação, à proteção da regulamentação governamental, e ao suporte para uma maior inclusão na sociedade em que trabalham. Precisamos disso também nos Estados Unidos. Sim, devemos defender melhores condições de trabalho. Mas, em uma contradição perversa, que é característica da globalização, melhores condições de trabalho por sua vez tornaram o sistema de cadeias globais de cuidados mais forte – um sistema que, por meio

do efeito dominó, perpetua a precariedade da assistência a nível local nas nações que exportam cuidadores.

O que está em jogo é a necessidade humana fundamental de pertencer a esferas sociais significativas – experimentar a sensação de segurança que é, espera-se, o sentimento de família – e, nas sociedades democráticas contemporâneas, exercer os direitos de cidadania. Eu concordo com Glenn que os cuidados devem ser uma característica fundamental de direitos e garantias dos cidadãos, e que isso necessariamente implica reconhecer o importante trabalho realizado pelos cuidadores como contribuição essencial para o bem público; isso é o que ela denomina cidadania social (190-91).

Como podemos aumentar a preocupação e comover as pessoas, governos e outras instituições para o cuidado? Como venho sugerindo, uma maneira de pressionar por mudanças na política social é contando histórias de cuidadores e idosos conjuntamente. Moral e teoricamente, essa é a coisa certa a fazer. Também pode ser mais palatável e persuasivo para mais pessoas. Contar histórias: essa é uma prática que exemplifica a virada narrativa em estudos gerontológicos, que ultrapassa os limites da própria gerontologia para abraçar a questão da prestação de cuidados ao longo de gerações e no contexto da globalização. De que forma essas histórias podem cativar e fazer a diferença?

O filósofo pragmático Richard Rorty (1993), em um ensaio publicado há quase 20 anos, referiu-se à influência decisiva do romance de Harriet Beecher Stowe, *A Cabana do Pai Tomás*, sobre o esforço abolicionista nos Estados Unidos no século XIX. Eu sou cética de que um romance de mercado de massa teria tal efeito hoje. Lembro-me vividamente de um líder da embrionária Organização de Libertação da Palestina, em Nova York, me dizendo, no início de 1960, que era incalculável o dano feito à sua causa pelo influente filme “Exodus”, de Otto Preminger, de 1960. Eu duvido que um filme de ficção pudesse ter o mesmo vigor hoje. Hoje eu suspeito que histórias com um impulso documental e autobiográfico, extraídos da vida cotidiana, como são as quatro que tenho considerado, vai nos servir melhor; é como se esses

modos, ao invés da ficção, nos trouxessem mais perto do que é real, trazendo para o domínio público o que é geralmente entendido como privado. Além disso, as histórias que abrangem um amplo espectro de sentimentos, que se estende para além de simpatia, têm mais poder de nos envolver. A história de Evelyn Coke inspira admiração e simpatia. As histórias contadas por Ted Conover e Tomer Heymann lançam cuidadores e idosos para além do quadro unidimensional de vitimização. Cuidadores e idosos isolados e separados são vulneráveis. Juntos, são fortes.

Precisamos criar um amplo arquivo de sentimentos, um armazém de histórias que terão um efeito em cascata sobre os indivíduos, as famílias, as comunidades e os políticos responsáveis. Eu cresci ligada a essas histórias – às pessoas nessas histórias. Mas um arquivo implica algo fora do olho público. Como podemos, como estudiosos inserir-nos no circuito de debate e ajudar a influenciar os valores que norteiam a política? Como podemos tornar nossa pesquisa viva para públicos mais amplos? A antropóloga americana Luisa Margolies (2010), depois de escrever um livro sobre cuidar de sua mãe, descobriu que, a fim de fazer circular a sua história, ela precisava buscar as estações de rádio locais para levar a sua mensagem a outros públicos, traduzindo sua experiência para que outros pudessem ouvi-la. Como estudiosos e pesquisadores nos estudos sobre envelhecimento, precisamos ir além dos círculos profissionais fechados de conhecimento acadêmico. Precisamos deixar claro o cruzamento entre o mais recente trabalho em nossos campos e o interesse público e o bem público. Temos médicos sem fronteiras. Precisamos estudiosos sem fronteiras em estudos do envelhecimento, estudiosos que entendem que é importante não apenas pensar globalmente e agir localmente, mas também pensar localmente e agir globalmente – e que chamem a atenção para o segredo público dos cuidadores de idosos frágeis.

Agradecimentos

Uma versão deste artigo foi originalmente apresentada na conferência “Teorizando a Idade: Desafiando as Disciplinas”, na Universidade de Maastricht em outubro de 2011. Sou grata a Aagje Swinnen por seu bem-vindo convite a essa conferência intelectualmente estimulante, bem como a Elena Fronk e muitos dos meus colegas em estudos do envelhecimento – Roberta Maierhofer em particular, sem a qual este ensaio não teria sido possível, e Cynthia Porto, por sua orientação. Agradeço a Ros Jennings, que organizou a conferência visionária sobre “As mulheres, o envelhecimento, e a mídia”, na Universidade de Gloucestershire, em dezembro de 2008, Martin Manalansan IV, que me apresentou o notável documentário “Bonecas de Papel”, Amy Bhatt que me indicou as *Culturas de Servidão*, Engin Isin, o investigador principal do projeto Ecúmeno da Open University: Cidadania após o Orientalismo, que me deu permissão para reproduzir “Sentada em um banco”, sua fotografia da mulher de idade, o fotógrafo Scott Thode, que me deu permissão para reproduzir suas fotografias que acompanham “Os últimos melhores amigos que o dinheiro pode comprar” na *New York Times Magazine*, e o vídeo documentarista Tomer Heymann, que me deu permissão para reproduzir material promocional e fotos de “Bonecas de Papel”.

Referências bibliográficas

- ACKERMAN, D. *One Hundred Names for Love: A Stroke, a Marriage, and the Language of Healing*. New York, W. W. Norton, 2011.
- ASHURI, T. Negotiating distances: The cultural economy of television programs. *Television and New Media* 11(2), 2010, pp.105-122.
- BAARS, J. Beyond neomodernism, antimodernism, and postmodernism: Basic categories for contemporary critical gerontology. In: BAARS, J.; DANNEFER, D.; PHILLIPSON, C.; WALKER, A. (eds.) *Aging, Globalization, and Inequality: The New Critical Gerontology*. Amityville, NY, Baywood, 2006, pp.17-42.

- BARNES, N. Life which is ours to know just once. In: BAUER MAGLIN, N.; PERRY, D. (eds.) *Final Acts: Death, Dying, and the Choices We Make*. New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 2010, pp.33-54.
- BASTING, A. *Forget Memory: Creating Better Lives for People with Dementia*. Baltimore, MD, Johns Hopkins University Press, 2009.
- BORIS, E. Race, gender, and pay discrimination. In: THOMAS, T.; BOISSEAU, T. (eds.) *Feminist Legal History: Essays on Women and the Law*, New York, New York University Press, 2011, pp.240-256.
- CLENDINEN, D. *A Place Called Canterbury: Tales of the New Old Age in America*. New York, Viking Press, 2008.
- COHEN, E. The paradoxical politics of viral containment; or, how scale undoes us one and all. *Social Text* 29, 2011, pp.1535.
- CONOVER, T. The last best friends money can buy. *New York Times Magazine*, 30 November, 1997.
- CVETOVITCH, A. *An Archive of Feelings: Trauma, Sexuality, and Lesbian Public Cultures*. Durham, NC, Duke University Press, 2003.
- DANIEL, S. Public secrets. *Vectors* 2(2), 2007. [<http://www.vectorsjournal.org/projects/index.php?project57> – accessed: November 17, 2011].
- DEGIULI, F. A job with no boundaries: Home eldercare work in Italy. *European Journal of Women's Studies* 14, 2007, pp.193-207.
- DOES Europe Care? European Conference on Long Term Care and Diversity, Amsterdam, 2011 [<http://www.careconference.eu/site> – accessed: November 17, 2011].
- DOYLE, M. & TIMONEN, V. Obligations, ambitions, calculations: Migrant care workers' negotiation of work, career, and family responsibility. *Social Politics* 17(1), 2010, pp.29-52.
- ENGLAND, K. Home, work and the shifting geographies of care. *Ethics, Place and Environment* 13(2), 2010, pp.131-150.
- FOLBRE, N. *The Invisible Heart: Economic and Family Values*. New York, New York Press, 2001.
- FUCHS, E. *Making an Exit: A Mother-Daughter Drama with Machine Tools, Alzheimer's, and Laughter*. New York, Henry Holt, 2005.

- GEIST, M. E. *Measure of the Heart: Caring for a Parent with Alzheimer's*. New York, Springboard Press, 2009.
- GILLIES, A. *One House, Three Generations, and a Journey into Alzheimer's*. New York, Broadway Books, 2009.
- GLENN, E. N. *Forced to Care: Coercion and Caregiving in America*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 2010 [<http://www.hup.harvard.edu/images/jackets/9780674064157-lq.jpg> – accessed: December 24, 2011].
- GOYDER, J. *We'll Be Married in Freemantle*. Freemantle, Fremantle Arts Centre Press, 2001.
- GREENHOUSE, S. Justices to hear case on wages of home aides. *New York Times*, 25 March, 2007.
- GULLETTE, M. M. *Agewise: Fighting the New Ageism in America*. Chicago, IL, University of Chicago Press, 2011.
- HEYMANN, T. Qtd. in Tamar Ashuri. Negotiating distances: The cultural economy of television programs. *Television and New Media* 11, 2010, pp.105-122.
- HOCHSCHILD, A. R. Global care chains and emotional surplus value. In: HUTTON, W.; GIDDENS, A. (eds.) *Global Capitalism*. New York, The New Press, 2000, pp.13-46.
- HOFF, A.; FELDMAN, S.; VIDOVIKOVA, L. Migrant home care workers caring for older people: Fictive kin, substitute, and complementary family caregivers in an ethnically diverse environment (Guest Editorial). *International Journal of Ageing and Later Life* 5(2), 2010, pp.7-16.
- KANE, R. L.; WEST, J. C. *It Shouldn't Be This Way: The Failure of LongTerm Care*. Nashville, Vanderbilt University Press, 2005.
- KITTAY, E. F. *Love's Labor: Essays on Women, Equality, and Dependency*. New York, Routledge, 1999.
- KLOVE, L. *Mature and Young Hands*. Getty Images (n.d.) [<http://www.gettyimages.com/detail/10169892/The-Image-Bank>] – accessed: November 19, 2011].
- KUNOW, R. Old age and globalization. In: COLE, T. R.; RAY, R. E.; KASTENBAUM, R. (eds.) *Guide to Humanistic Studies in Aging: What*

- Does It Mean to Grow Old*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2010, pp 293-318.
- LAWSON, V. Geographies of care and responsibility. *Annals of the Association of American Geographers* 97, 2007, pp.1-11.
- LEESON, G. W.; HOFF, A. *Foreign Workers in the Health and Social Care Sector in the United Kingdom*. Tokyo, Japanese Council of Social Welfare, 2006.
- LELAND, J. Coming Full Circle. *New York Times*, 30 October, 2008 [<http://www.nytimes.com/2008/11/02/education/edlife/montessori.html?scp1&sq=Coming%20Full%20Circle%20John%20Leland&stcse> – accessed: December 24, 2011].
- MAIERHOFER, R. Generations connecting: Alzheimer's disease and changes of cultural values. *Gender Forum: An Internet Journal for Gender Studies* 28, 2010 [<http://www.genderforum.org/issues/engaging-questions/generations-connecting-alzheimers-disease-andchanges-of-cultural-values/> – accessed: November 19, 2011].
- MANALANSAN, M. F., IV. Servicing the world: Flexible Filipinos and the unsecured life. In: STAIGER, J.; CVETKOVICH, A.; REYNOLDS, A. (eds.) *Political Emotions: New Agendas in Communication*. New York, Routledge, 2010, pp.215-228.
- MARGOLIES, L. *My Mother's Hip: Lessons from the World of Eldercare*. Philadelphia, Temple University Press, 2004.
- MARGOLIES, L. The anthropologist as caregiving daughter: Lessons from the world of the frail elderly. *Journal of Aging, Humanities and the Arts* 4, 2010, pp.119-132.
- MARTIN, D. Evelyn Coke, home care aide who fought pay rule, is dead at 74. *New York Times*, 9 August, 2009.
- MILLER, N. K. *Bequest and Betrayal: Memoirs of a Parent's Death*. New York, Oxford University Press, 1996.
- MOL, A.; MOSER, I.; POLS, J. (eds.) *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms*. Bielefeld, Transcript Verlag, 2010.
- OECUMENE: Citizenship after Orientalism [<http://www.oecumene.eu/> – accessed: November 19, 2011].
- PAPER Dolls. (dir.) TomerHeymann (Strand Releasing, 2006).

- PARRENAS, R. S. Migrant Filipina domestic workers and the international division of reproductive labor. *Gender and Society* 14(4), 2000, pp.560-580.
- PENG, I. The expansion of social care and reform: Implications for care workers in the Republic of Korea. *International Labour Review* 149(4), 2010, pp.461-476.
- RAUCH, J. Letting go of my father. The Atlantic, April 2010 [<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2010/04/letting-goof-my-father/8001/>] – accessed: November 19, 2011].
- RAY, R.; QAYUM, S. *Cultures of Servitude: Modernity, Domesticity, and Class in India*. Stanford, Stanford University Press, 2009.
- RORTY, R. Human rights, rationality, and sentimentality. *The Yale Review* 81(4), 1993, pp.1-20.
- ROTH, P. *Patrimony: A True Story*. New York, Simon & Schuster, 1991.
- SHEEHY, G. *Passages in Caregiving: Turning Chaos into Confidence*. New York, William Morrow, 2010.
- SHULMAN, A. K. *To Love What Is: A Marriage Transformed*. New York, Farrar, Straus & Giroux, 2008.
- SIMMONS, J. D. (1996). Connections: I am my mother's keeper. MS. July August.
- STACEY, C. L. *The Caring Self: The Work Experiences of Home Care Aides*. Ithaca, Cornell University Press, 2011.
- TAKING Care of Those Who Take Care of Us. U.S. Department of Labor fact sheet [http://www.dol.gov/whd/flsa/companionship_factsheet_ENGLISH.pdf] – accessed: August 15, 2012].
- WALD, P. *Contagious: Cultures, Carriers, and the Outbreak Narrative*. Durham, NC, Duke UP, 2008.
- WHITNEY, S. Y. Dependency relations: Corporeal vulnerability and norms of personhood in HOBBS and KITTAY. *Hypatia* 26(3), 2011, pp.554-574.
- WOODWARD, K. *Statistical Panic: Cultural Politics and Poetics of the Emotions*. Durham, Duke University Press, 2009.

WOODWARD, K. Assisted living: Aging, old age, memory, aesthetics. *Occasion: Interdisciplinary Studies in the Humanities* 4, 2012 [<http://arcade.stanford.edu/journals/occasion/articles/assisted-livingaging-old-age-memory-aesthetics-by-kathleen-woodward> – accessed: August 12, 2012].